

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DA SERRA DE S. JULIÃO (*Conventus Scallabitanus*)

Encontra-se embutida na parte inferior direita da fachada da capela existente na Serra de S. Julião (freguesia da Carvoeira, concelho de Torres Vedras) uma pedra de lioz branca com inscrição funerária romana (foto 1).

Desconhece-se a sua tipologia (poderia ser placa ou cipo), porque foi ao fazer-se a ‘picagem’ das paredes para nova pintura que se topou o letreiro e inteligentemente parte substancial dele (mas só isso) foi deixada a descoberto e elegantemente ‘moldurada’ pela nova argamassa (foto 2). Contudo, a circunstância de ele se encontrar deitado leva-nos a supor que estaremos, muito provavelmente, perante um cipo paralelepípedo, tipologia comum no *ager Olisiponensis*. Também poderia ser o fragmento de uma cupa¹, mas, para isso, certamente não teria a invocação aos deuses Manes, que não é vulgar nas cupas, e a distribuição do texto no espaço epigráfico também teria que ser outra.

Não dispomos de elementos que nos permitam saber donde veio nem em que época a pedra foi ali colocada, embora sejam antigas as referências a este templo².

Também não encontramos referência a que, alguma vez, tenha sido estudado. Na verdade, Vasco Mantas – que alude, com base nas informações colhidas em Ricardo Belo, que houve obras na

¹ Aquando da nossa visita ao local para efectuarmos a fotografia da epígrafe, encontrámos o fragmento de uma cupa (cerca de metade) de lioz branca, que igualmente se fotografou (foto 3). Não procedemos, na altura, a uma análise mais pormenorizada da peça, que, entretanto, levou descaminho. O topo que restava não era o epigrafado.

² Cf. Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99, sobretudo p. 72.

ermida em meados da década de 70 do século XX – analisou cuidadosamente um outro importante monumento epigráfico romano, nessa capela encontrado a servir de pedra de altar³, e refere-se à existência de mais uma inscrição na Quinta da Rainha e de uma terceira na própria ermida, mas nenhum dos textos é coincidente com este⁴.

Considerando, pois, que junto à capela se identificaram vestígios de uma provável necrópole, visíveis num corte do terreno⁵, é bem provável que todos estes monumentos epigráficos sejam provenientes do próprio local.

Dimensões visíveis: 50,2 x 44.

D(iis) M(anibus) / LABERIAE MAR[CI] / FILIAE AVITE / AN(norum) XXXV (quinque et triginta) / ⁵ ELBIVS [sic] AVITIAN[VS] / PATER FILIAE / P(ientissimae) (hedera) F(aciendum) (hedera) Q(uravit) [sic]

Aos deuses Manes. De Labéria Avita, filha de Marcos, de 35 anos. Élbio Avitiano, o pai, à filha modelo de piedade mandou fazer.

³ Art. cit., inscrição n.º 12. Cf. também Luís da Silva FERNANDES, «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia* 19-20 1998-1999 172. Esclarece Vasco Mantas que a pedra esteve «na parede do pátio da Quinta da Rainha, para onde fora levada da ermida da Serra de S. Julião» e se encontra depositada no Museu de Torres Vedras «por especial deferência dos herdeiros de D. Segismundo de Alarcão». A epígrafe é classificada como «tampa de arca cinerária»; contudo, as suas dimensões – 174 x 61 x 17 – e o seu conteúdo textual (a dedicatória feita *de suo* por *Iulia Marcella* a seu marido, *Q. Caecilius Caecilianus*, que foi edil, e a seu filho, *M. Caecilius Avitus*), inclinam-nos a pensar, hoje, que estamos perante placa monumental, a ser colocada no frontispício de imponente jazigo de família.

⁴ Com efeito, a segunda inscrição, entretanto desaparecida, teria o seguinte texto: TERENTIA / C. F. STACTE [sic?] / H. S. E. SIT. TIBI / TERA [sic]. LEVIS (art. cit., p. 78). Esta referência, colhida igualmente em Aurélio Ricardo BELO («Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. Epigrafia luso-romana», *Badaladas*, 50, 1952), terá, a uma primeira vista, passado inteiramente despercebida aos investigadores. O mesmo aconteceu, decerto, à terceira epígrafe, também ela conservada na mesma ermida, «numa parede, até há bem poucos anos» (*ibidem*), cujo texto consignava a homenagem feita [*ex te*]stamento por um *Rufus* a [*M*]ascellio [?] Severus.

⁵ CARDOSO (Guilherme) e LUNA (Isabel de), «Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras», comunicação apresentada ao Congresso *A Presença Romana na Região Oeste*, organizado pela Câmara Municipal do Bombarral, a 23 e 24.11.2001, n.º 8 [no prelo].

Alt. das letras: l. 1: 7,5; l. 2: 5; l. 3: 5,2; l. 4: 5,6; l. 5 e 6: 5,4; l. 7: 5,2. Espaços: 1: 2; 2: 1; 3: 1,6; 4: 1; 5: 1/1,2; 6: 1,2; 7: 1,4; 8: 2,8.

A paginação parece ter sido feita segundo um eixo de simetria, se atentarmos designadamente na linha final, ainda que a invocação aos Manes sugerisse uma tendência para alinhamento à esquerda. Aliás, essa ‘anomalia’ poderia levar à reconstituição de um S – S(*acrum*) – nessa l. 1, porquanto, se considerarmos que, na l. 2, não se vêem as duas últimas letras, haveria, em princípio, espaço para o S. Cremos, porém, que o espaçamento entre o D e o M é demasiadamente grande para se pensar em mais uma letra colocada simetricamente; por outro lado, a epigrafia da zona (vide, por exemplo, a inscrição n.º 8 estudada por Vasco Mantas) aponta em dois sentidos: na omissão de S(*acrum*) e no conseqüente uso do genitivo: daí termos também preferido traduzir por «de Labéria» em lugar de «a Labéria». Na l. 5, distingue-se, apesar da sombra da foto, a primeira haste do N e não veríamos com maus olhos a hipótese de o *ordinator* ter recorrido, aí, à utilização de VS em módulo mais pequeno (circunstância que só numa próxima limpeza se poderá confirmar). É ainda provável que tenha sido usada pontuação, que ora se não vê por causa da camada de argamassa subsistente; no entanto, são elegantemente cordiformes e pecioladas, postas em posição quase vertical, as heras da última linha.

Caracteres actuários, denotando o *ductus* ligeira inclinação geral para a esquerda: o A poderá ter barra sempre, ainda que só nalguns ela seja visível devido à argamassa que lhe não foi retirada; B assimétrico (pança superior maior); barras horizontais breves, levemente oblíquas, sobretudo no F; X e V simétricos. Assinale-se o nexa MA na l. 2; e o uso de Q (em vez de C) na fórmula final.

O gentílico latino *Laberius* tem outros testemunhos na epigrafia desta zona litoral da Lusitânia⁶. A nível peninsular, Abascal refere pouco mais de uma vintena de exemplos⁷. O cognome latino

⁶ Cf. José d’ENCARNAÇÃO, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2001, p. 60. Em S. Miguel de Odrinhas (Sintra), um *M. Laberius*: cf. J. Cardim RIBEIRO, «Análise de uma epígrafe dos *agri olisiponenses* à luz do epigrama LXXXIV de Catulo», *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, 2000, p. 361-378.

⁷ Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 167.

Avitus é, ao invés, o terceiro mais atestado na Península Ibérica⁸. *Elbius* constitui uma variante gráfica – até agora não documentada, que saibamos, na Hispânia – do *nomen* latino *Helvius*, que também aparece grafado sem H (cf. ABASCAL 1994 p. 131 e 148-149); trata-se de um gentílico vulgar, de que, por exemplo, a capital da Lusitânia apresenta diversos testemunhos. *Avitianus*, por seu turno, também ele *cognomen* latino, contará, na Península, com dúzia e meia de exemplos (cf. ABASCAL 1994 p. 294). Em suma, uma onomástica perfeitamente latina, ainda que – no uso do *praenomen* por extenso, na alternância gráfica do som E (AE e E), na grafia *Elbius* – a oralidade, mais do que o exacto conhecimento da escrita, denuncie uma ‘romanização’ incipiente.

Poder-se-ia levar à conta desse ainda débil ‘enfronhar-se’ nos esquemas onomásticos romanos a circunstância de a filha não deter o mesmo gentílico do pai, facto que, à partida, nos colocaria perante a hipótese de a considerarmos ilegítima. A ausência – na pedra – do *praenomen* do pai, se pode, por um lado, justificar-se por ter vindo em extenso na l. 2, também seria susceptível de nos causar estranheza: estaríamos mesmo em presença de uma filiação legítima? Na epígrafe acontece, porém, algo de assaz curioso neste domínio: a menção por extenso da palavra *filiae*, por duas vezes. Se isso igualmente nos poderia levar a pensar em incipiente romanização (e é disso outro sintoma, sem dúvida) não será menos certo que tal insistência, acrescida da – desnecessária e redundante – presença da palavra *pater*, nos incita a reflectir: deve tratar-se de uma filiação legítima, por certo, e tais ‘reforços’ visam acentuar esse dado, de que a não-coincidência de gentílicos poderia fazer suspeitar. De qualquer modo, legítima ou não, temos de compreender que, nesta homenagem paternal, o que efectivamente conta é a dor da perda de uma filha – ou de alguém a quem se quis como filha – falecida ainda na flor da idade. E as heras da fórmula final quase nos apetece dizer que são, no fundo, mais um sinal dessa dor sofrida...

Pela paleografia e, sobretudo, pelas características textuais assinaladas, poder-se-á atribuir à epígrafe uma datação da segunda metade do século I da nossa era ou mesmo do século II.

GUILHERME CARDOSO
JOSÉ D’ENCARNAÇÃO
ISABEL LUNA

⁸ ABASCAL 1994 p. 292-295: «es el tercer cogn. más frecuente en Hispania (197 testimonios)».



306. Fot.1



Fot.2



Fot.3